

Ensino médio para todos: oportunidades e desafios

Leonardo Claver Amorim Lima

Candido Alberto Gomes

Resumo

A pesquisa longitudinal de microdados de Censos da Educação Básica investigou o fluxo para o ensino médio de discentes do último ano do ensino fundamental na coorte 2008-2009. Verificou relações de associação entre a não promoção para o ensino médio e o pertencimento ao sexo masculino, a matrícula em escolas públicas, a residência no Norte ou Nordeste e a distorção idade-série. Destaca-se também a influência dessas variáveis na não aprovação em 2008, ratificando estudos transversais que apontaram óbices à conclusão do ensino fundamental, a despeito da relativa universalização do acesso. Ultrapassado o primeiro filtro, acompanhando os elegíveis para o ensino médio, a análise encontrou relações significativas entre as mesmas variáveis, notadamente a faixa etária, e a situação educacional da coorte em 2009.

Palavras-chave: pesquisa longitudinal; fluxo de estudantes; ensino fundamental; ensino médio; fracasso escolar.

Abstract

Secondary education for all: opportunities and challenges

This research project used Basic Education Census longitudinal data for analyzing the characteristics of the 2008-2009 8th grade class in its transition to secondary education. It found statistical significant association, on the one hand, among being male, enrolment in public school, residence in North-Northeastern Brazil and age/grade distortion and, on the other hand, no enrolment in secondary school. The same variables had impact on failure in the 8th grade, confirming obstacles to finish fundamental education, in contrast to almost universal access, as found by cross-sectional research projects. The follow-up of this cohort in 2009 detected the same significant variables, in particular age/grade distortion.

Keywords: longitudinal data; student follow-up; fundamental education; secondary education; school failure.

Desde 2009, com a promulgação da Emenda Constitucional nº 59, assistimos à intensificação de debates pertinentes ao currículo, às funções e à estrutura do ensino médio. Nessas discussões, que logo ganharam espaço na grande mídia, certas questões revelam-se mais urgentes e preocupantes: afinal, que evidenciam os dados oficiais disponíveis sobre a pretendida ampliação da obrigatoriedade educacional? Que oportunidades formativas são atualmente oferecidas aos estudantes? Que mudanças curriculares devem ser implementadas? Sob que condições estruturais?

A propósito de indicadores oficiais de matrícula e escolarização, Castro (2008) nos faz lembrar que o ensino médio é herdeiro de equívocos do ensino fundamental. Destacadamente, a democratização do acesso ao ensino fundamental não afastou o acentuado número de discentes maiores de 14 anos nele matriculados, notadamente os alunos que, com idades entre 15 e 17 anos, deveriam estar cursando o ensino médio. Diante da gravidade do problema, um matiz da chamada distorção idade-série, o Ministério da Educação (Corti *et al.*, 2011) destacou nuanças da tortuosa trajetória ocupacional e escolar desses estudantes: inserção laboral precoce, usualmente em trabalhos mal remunerados, episódios anteriores de fracasso escolar e ausência do protagonismo reclamado pelos jovens da contemporaneidade são algumas delas, que podem tornar o ingresso no ensino médio sonho remoto, pois “esses jovens estão a um passo de abandonar a escola” (Corti *et al.*, 2011, p. 65).

Paralelamente ao risco de evasão, que no ensino médio alcança suas mais alarmantes proporções (Neri *et al.*, 2009), o crescimento da

reprovação na última série do ensino fundamental nos anos 2000 e a correspondente queda do número de egressos (Lima, 2011) podem levar ao encerramento prematuro da trajetória escolar de adolescentes e jovens. Na contramão de avanços quantitativos recentes, a conclusão do ensino fundamental permanece tarefa difícil, sobretudo para alunos socioeconomicamente desfavorecidos matriculados em escolas públicas – os que mais são reprovados ou abandonam os estudos (Alves; Ortigão; Franco, 2007, Andrade; Dachs, 2007).

Já para os discentes que ultrapassam as barreiras do ensino fundamental, esses verdadeiros agraciados, o ensino médio é depositário de expectativas pouco consensuais, que dependem, entre outros fatores, de seu nível socioeconômico, idade e *status* ocupacional e de rendimento. A literatura oferece interessantes constatações, geralmente baseadas em estudos transversais, mas não longitudinais. Em seu estudo de caso, Leão, Dayrell e Reis (2011), por exemplo, notaram entre alunos trabalhadores matriculados no turno da noite modestas perspectivas de futuro, que não contemplavam sequer o ingresso na educação superior. Por outro lado, para a maioria dos que estudavam durante o dia e não eram trabalhadores, a matrícula no curso de graduação mostrou-se iminente e inadiável. A resultados semelhantes chegaram Gonçalves, Passos e Passos (2005), para quem o aluno típico do ensino médio noturno – trabalhador e com trajetória escolar irregular – já chega à escola reprovado pelo cansaço decorrente da jornada laboral, sendo restritas suas oportunidades de continuidade dos estudos ou de consistente formação técnico-profissionalizante. Em outros estudos, a influência do nível de escolaridade dos genitores e da dependência administrativa da escola (Sparta; Gomes, 2005), bem como de possibilidades de ampliar o grupo de amigos e de adquirir autonomia e responsabilidade (Aguilar; Conceição, 2009), mostrou-se fundamental para os rumos que estudantes de ensino médio pretendiam trilhar.

Partindo-se dessas constatações, que ilustram o turbilhão de incertezas que perpassam tal momento da vida escolar, espera-se do ensino médio a capacidade de “responder às angústias de adolescentes e jovens diante da efemeridade, dos desafios e das exigências das sociedades pós-modernas e, também, perante as novas configurações do trabalho” (Ferretti; Zibas; Tartuce, 2004, p. 413). Pelo contrário, o cenário atualmente delineado aponta para um currículo que não atende as especificidades dos alunos trabalhadores e da escola noturna (Krawczyk, 2003, Oliveira, 2010), muito menos os ideais de ensino contextualizado e interdisciplinar destinado a facilitar a manifestação do conclamado protagonismo juvenil (Zibas, 2005). Daí à fuga da escola é um passo.

Portanto, com o atual bônus demográfico – e o substancial aumento do número de jovens –, problemas complexos envolvem o ensino médio. De um lado, a insuficiência do número de matrículas, com pouco mais da metade dos jovens de 15 a 17 anos frequentando a escola média ao final da última década (Lima, 2011). De outro, o risco real de evasão, cujos motivos incluem as dificuldades de conciliar estudos e trabalho e a baixa atratividade do ensino médio (Neri *et al.*, 2009; Gomes *et al.*,

2011). Aliás, vale dizer, outros fatores interagem para favorecer o sucesso no ensino médio de certos discentes, ao contrário dos demais, como: (i) características inerentes aos próprios estudantes – sexo, cor da pele e idade –; (ii) a dependência administrativa da escola frequentada; (iii) a região do País onde os alunos residem.

O sucesso do aluno do ensino médio: interações entre sexo e cor da pele

Discrepâncias entre os resultados escolares de meninos e meninas e entre os de brancos e preto-pardos têm sido apontadas por dados oficiais e por estudos teórico-empíricos, no Brasil e no mundo. Na Alemanha, Quenzel e Hurrelmann (2010) constataram que a influência do sexo sobre o sucesso escolar é multifatorial, pois envolve matizes das relações estabelecidas pelos jovens entre si e sua capacidade de apresentar comportamentos valorizados pela escola. Naquele caso, comportamentos, como zelo, calma e paciência, concorreram para o sucesso escolar das moças, apesar de não explicarem integralmente o fracasso dos rapazes. Sob esse ângulo de análise, e para além de meras relações binárias entre os sexos, a resenha internacional de Marguerite (2008) alerta que masculinidades e feminilidades podem explicar, em cada caso, parte mais ou menos significativa do sucesso escolar de homens e mulheres. Além disso, como salientaram Lynch e Feeley (2009), a preferência e a escolha de componentes curriculares podem seccionar áreas predominantemente masculinas e femininas, em se observando na União Europeia a vantagem dos jovens em matemática e em ciência e das jovens em áreas que exigem atributos como capricho e paciência.

No Brasil e na América Latina de modo geral, onde os homens e os pretos ou pardos são mais reprovados, abandonam mais os estudos e aprendem menos, são apontadas relações entre o fracasso escolar das minorias étnico-raciais e seu nível socioeconômico usualmente baixo (Gentili, 2009, Rosa, 2009), que chamam a atenção para privilégios educacionais ligados à “branquidade”. Quanto ao sexo, o panorama delineado pela literatura tem feito corresponder o sucesso escolar, desde o ensino fundamental, “aos estereótipos da aluna quieta e passiva e do aluno perturbador” (Brito, 2006, p. 147), apesar de algumas constatações assinalarem vantagens acadêmicas atreladas a comportamentos e características tidos como masculinos (Júlio; Vaz, 2009, Reis; Gomes, 2011).

Atenta a essa realidade, Carvalho (2009) põe em relevo interações entre o sexo e a cor da pele na construção de sofríveis resultados educacionais entre garotos pretos ou pardos. A fineza dos trabalhos de campo, realizados por uma década, deixou transparecer que aspectos fenótipos relacionados à cor preta são comumente associados pelos docentes à pobreza e ao baixo desempenho discente. Além disso, o corpo

docente, amplamente composto por mulheres, revelou valorizar, na avaliação dos alunos, comportamentos tipicamente femininos, a exemplo de organização e paciência, em detrimento da falta de compromisso com os estudos, da agitação e da bagunça, usualmente atribuídas aos alunos do sexo masculino.

Outros trabalhos, complementarmente, esmiuçaram detalhes de feminilidades que, não extrapolando para a erotização precoce ou se resumindo à submissão, podem facilitar o sucesso escolar das moças. Em Carvalho (2001), vemos que, na visão de professoras de ensino fundamental, os cadernos merecedores de elogios são os das meninas, por serem enfeitados e coloridos, contrastando com os dos meninos, sujos e desleixados. A propósito, características percebidas pelas docentes como de caráter feminino – capricho e uso de decalques (Silva *et al.*, 1999, Pereira; Carvalho, 2009) – foram mencionadas como indicadores de que o acompanhamento da vida escolar da prole seria “papel” mais afeito às mães, instituindo-se, daí, um pacto de mulheres no engendramento do êxito acadêmico das estudantes, em que as escolas materializariam espécies de guetos cor-de-rosa (Gomes, 2005).

Já contra o desempenho dos garotos, além da usual necessidade de iniciação laboral precoce (Artes; Carvalho, 2010), pesam matizes das relações das crianças e adolescentes entre si, suas formas de sociabilidade e culturas juvenis, que nem sempre valorizam e promovem a dedicação aos estudos. Diversamente, ante o risco de ser associado a pouca virilidade, efeminação e até ao homossexualismo, o sucesso escolar dos rapazes pode ser desestimulado nos setores populares, dificultando a ascensão para o ensino médio dos filhos das classes trabalhadoras, amplamente matriculados em escolas públicas (Carvalho, 2004, Lynch; Feeley, 2009, Souza, 2010, Bento, 2011).

Ensino médio para todos? Diferenças entre escolas públicas e privadas

No Brasil, o hiato que separa o rendimento de alunos de escolas públicas e privadas é evidente, conforme denunciam, ano a ano, os resultados de exames e testes aplicados em âmbito nacional, como o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e o Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb). Ao acompanhar a trajetória escolar de estudantes de escolas privadas de prestígio, Brandão, Mandelert e Paula (2005) obtiveram resultados convergentes com os de Felouzis e Perroton (2007), na França: em uma espécie de círculo virtuoso, discentes de alto nível socioeconômico procuram e são procurados por escolas particulares de prestígio, pois ambas as partes estão interessadas em benefícios potencialmente oferecidos pela qualidade do ensino. Por outro lado, dificultando o sucesso escolar dos estudantes matriculados em escolas públicas, predominam motivos funcionais na escolha do estabelecimento,

destacadamente a proximidade do lar e a infraestrutura da unidade de ensino (Costa, 2008, Resende; Nogueira; Nogueira, 2011).

Vale mencionar que esse hiato aparentemente se expande no curso do itinerário educacional, desembocando nos anos finais do ensino fundamental e, para os alunos que não ficam pelo caminho, no ensino médio ou na educação superior. Por isso mesmo, em amostra de graduandos da Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio de Janeiro, Carvalho (2006) verificou a presença majoritária de egressos de escolas privadas, nas quais o êxito acadêmico, a disciplina e o trabalho docente eram reconhecidos e valorizados, sendo tais atributos contrários à imagem de desamparo associada a alunos e professores de escolas públicas (Lapo; Bueno, 2003, Earp, 2009).

A literatura também aponta aspectos relacionados ao sucesso das elites escolares brasileiras, geralmente vivenciado em escolas privadas que cobram caro pelo que têm a oferecer. Entre eles, a formação e experiência dos professores e o senso de pertencimento que atravessa todos os atores escolares (Brandão; Carvalho, 2011); os benefícios simbólicos propiciados pelo êxito acadêmico – como respeitabilidade, prestígio e legitimidade cultural (Glória, 2003); e o ambiente familiar que favorece o gosto pelos estudos (Brandão, 2007). No polo oposto, Mazzotti (2006) verifica um discurso recorrente: o aluno de escola pública é tido como pobre e pouco interessado e assíduo nos estudos, restando-lhe a busca pela sobrevivência e o fracasso escolar.

Assim, as estratégias preventivas da reprovação podem ser diametralmente opostas em escolas públicas e privadas. Não por acaso, enquanto entre as famílias de adolescentes de classe média alta acompanhados por Brandão (2007) eram frequentes mecanismos preventivos da reprovação, nas escolas públicas visitadas por Jacomini (2010) ela era tida como importante pela maioria dos pais, pois obrigava os alunos a estudarem. No limite da transição para o ensino médio, Glória (2003) mostra que no mundo “descapitalizado” de alunos matriculados em escolas públicas, mesmo quando concluído o ensino fundamental, o prosseguimento dos estudos é uma perspectiva apenas provável ao passo que a fuga da escola pode se situar na categoria da certeza, muitas vezes imediata e inadiável.

Ensino médio para todos: onde?

A localidade onde residem os estudantes exerce influência sobre seu desempenho acadêmico, notadamente porque constitui indicador de *status* socioeconômico e cultural. Além da presença mais ou menos abundante de recursos financeiros em sentido estrito, pode sugerir a escassez de recursos materiais facilitadores da aprendizagem e de condições estruturais indispensáveis para a consecução do sucesso escolar.

Com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) 1992-2007, Castro (2009) mostrou que nem o aumento do

tempo de escolaridade da população – dois anos a mais de estudos, em média – correspondeu a uma igualitária distribuição de oportunidades educacionais no território nacional. Nesse estudo, ao lado do acentuado hiato educacional entre brancos e negros, em desfavor dos últimos, os indicadores de escolarização mais perversos foram verificados nas Regiões Norte e Nordeste, onde era superior a proporção de indivíduos pobres ou abaixo da linha de pobreza. Por sua vez, Corbucci (2011) descreve relações de associação entre a residência no Norte ou Nordeste e condições tipicamente desfavoráveis ao sucesso escolar inscritas em dados das Pnads 2005-2009 e da Prova Brasil 2009: usualmente nessas regiões, a insegurança alimentar, os baixos rendimentos familiares e a ausência do acesso à internet fazem do alcance do êxito na educação básica um privilégio de grupos seletos.

Os questionários contextuais do Saeb têm oferecido subsídios semelhantes à literatura. Ilustrativamente, Gonçalves e França (2008) verificaram que a residência no Sul ou Sudeste favoreceu resultados ditosos no ensino médio. Por sua vez, Alves, Ortigão e Franco (2007) identificaram correlação positiva entre a condição de aluno trabalhador, frequente entre rapazes de escolas públicas situadas no Norte ou Nordeste, e a reprovação prévia de alunos do último ano do ensino fundamental. Coerentemente, Soares (2005) mostra que, na complexa trama do sucesso escolar, o tipo de escola que os alunos frequentam e a região onde elas se situam fazem do ingresso no ensino médio realidade mais próxima daqueles matriculados em estabelecimentos privados do Sul ou Sudeste.

Trazendo outras contribuições, o panorama de pesquisas sobre os efeitos do nível socioeconômico no desempenho de estudantes na educação básica está sintetizado no Quadro 1. Verifica-se a correlação entre a renda familiar, a dependência administrativa e a região onde residem os estudantes e seu desempenho no ensino fundamental ou médio, em regra tornando os melhores resultados mais próximos dos mais aquinhoados, dos matriculados em escolas privadas e dos que residem no Sul ou Sudeste. Por outro lado, há indicações da influência negativa da baixa escolaridade dos pais, do trabalho precoce e da distorção idade-série.

Quadro 1 – Constatações de Pesquisas Seleccionadas sobre Efeitos do Nível Socioeconômico no Desempenho de Estudantes da Educação Básica

Preditores dos resultados	1	2	3	4	5	6	7
*Renda familiar	x	x	x	x	x	x	x
*Nível de instrução dos pais	x			x			
*Condição de aluno trabalhador	x			x		x	x
*Dependência administrativa	x	x	x	x			
*Distorção idade-série	x					x	x
*Região de moradia	x	x		x	x		x

1. Brandão (2000); 2. Soares (2005); 3. Soares e Andrade (2006); 4. Alves, Ortigão e Franco (2007); 5. Gonçalves e França (2008); 6. Andrade e Dachs (2007); 7. IBGE (2010).

Ensino médio para todos: que sugerem os dados longitudinais?

O acompanhamento do rendimento e do fluxo escolar por aluno, e não por matrícula, só há pouco tempo passou a ser disponibilizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), abrindo possibilidades de novos ângulos de análises, inclusive longitudinais. Por isso, a presente pesquisa investigou a transição para o ensino médio de 2,8¹ milhões de alunos matriculados no último ano do ensino fundamental em 2008, constituindo um estudo longitudinal, de acompanhamento de coorte, conduzido com base nos microdados dos Censos da Educação Básica realizados pelo Inep nos anos de 2008 e 2009. A tabela 1 ilustra a composição da população estudada segundo as variáveis censitárias cotejadas, isto é, o sexo e a idade dos estudantes, bem como a dependência administrativa das escolas e a região do País onde elas estavam situadas. Não foi possível utilizar a variável cor da pele, pois a maioria dos recenseados não a indicou. Em relação ao sexo dos discentes, a predominância foi das alunas, que responderam por 53,5% das matrículas. Quanto à idade, mais da metade dos alunos – 51,4% – eram maiores de 15 anos, o que reflete a distorção idade-série ao fim do ensino fundamental. Já a distribuição das matrículas por dependência administrativa e região evidenciou a prevalência de alunos em escolas públicas (87%) e das regiões de maior densidade populacional, Sul e Sudeste, que contabilizaram 57,9% dos registros.

Tabela 1 – Distribuição dos Alunos Acompanhados, na Última Série do Ensino Fundamental em 2008, por Variável Considerada do Censo da Educação Básica

Idade			
Menores de 15 anos	Entre 15 e 17 anos	Maiores de 17 anos	Total
1.272.903	1.190.671	153.369	2.616.943
48,6%	45,5%	5,9%	100,0%
Região			
Sul e Sudeste	Norte e Nordeste	Centro-Oeste	Total
1.516.823	901.900	198.220	2.616.943
57,9%	34,5%	7,6%	100,0%
Sexo			
Feminino	Masculino	Total	
1.399.577	1.217.366	2.616.943	
53,5%	46,5%	100,0%	
Dependência Administrativa			
Pública	Privada	Total	
2.275.617	341.326	2.616.943	
87,0%	13,0%	100,0%	

Fonte: Microdados do Censo da Educação Básica de 2008.

¹ Foram acompanhados, na pesquisa, 2.876.687 alunos. Na tabela 1, constam os dados de 2.616.943 desses alunos, que foram aferidos pelos microdados do Censo da Educação Básica de 2008. A diferença entre os dados se deve às admissões realizadas nas escolas ao longo do ano letivo de 2008, que somente foram contabilizadas no Censo do ano seguinte.

Para analisar o fluxo dos alunos para o ensino médio, a princípio o estudo investigou seu rendimento escolar em 2008, segundo o qual, conforme indicadores oficiais, eles poderiam ser considerados aprovados ou reprovados ou, ainda, afastados por abandono. Verificou-se que, somados os episódios de afastamento por abandono e reprovação, mais de 0,5 milhão de estudantes – 18,1% do total – não foram aprovados. Como no estudo longitudinal de Souza, Ponczek e Rocha (2011), para a ocorrência da não aprovação, aqui pesaram fatores como o sexo e a idade dos estudantes e, além disso, a região onde residiam e o tipo de escola que frequentavam, com os piores resultados observáveis entre os rapazes mais velhos matriculados em escolas públicas, independentemente da região do País.

Os dados da tabela 2 dão mais detalhes dessa tendência. Observa-se que a aprovação alcançou sua maior proporção entre aqueles que reuniam atributos favoráveis ao sucesso escolar, segundo a literatura. Assim, 96,8% das meninas menores de 15 anos matriculadas em escolas privadas foram aprovadas, sendo, portanto, elegíveis para o ensino médio em 2009. Por outro lado, apenas 51,1% dos rapazes maiores de 17 anos e de escolas públicas foram aprovados. Considerados o abandono dos estudos e a reprovação, também a fuga da escola foi mais acentuada entre esses rapazes, já que 42,7% deles não concluíram sequer o ano letivo de 2008. Por sua vez, a reprovação mostrou-se mais frequente entre os alunos mais velhos, de 15 a 17 anos e maiores de 17 anos, sugerindo os efeitos desfavoráveis da distorção idade-série, isto é, de episódios anteriores de fracasso escolar, que no limite podem levar ao abandono dos estudos, principalmente entre os jovens do sexo masculino matriculados em escolas públicas.

Tabela 2 – Indicadores de Rendimento Escolar, na Última Série do Ensino Fundamental em 2008, por Sexo, Faixas Etárias e Dependência Administrativa (%)

(continua)

Rendimento em 2008	Feminino		Masculino	
	Menos de 15 anos		Menos de 15 anos	
	Pública	Privada	Pública	Privada
Abandono	0,70	0,1	2,6	0,1
Aprovação	91,30	96,8	86,3	95,3
Reprovação	8,00	3,1	11,1	4,6
Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Rendimento em 2008	Feminino		Masculino	
	Entre 15 e 17 anos		Entre 15 e 17 anos	
	Pública	Privada	Pública	Privada
Abandono	7,4	0,5	7,0	0,6
Aprovação	79,6	92,3	73,4	89,1
Reprovação	13,0	7,2	19,6	10,3
Total	100,0	100,0	100,0	100,0

Tabela 2 – Indicadores de Rendimento Escolar, na Última Série do Ensino Fundamental em 2008, por Sexo, Faixas Etárias e Dependência Administrativa (%)

(conclusão)

Rendimento em 2008	Feminino		Masculino	
	Mais de 17 anos		Mais de 17 anos	
	Pública	Privada	Pública	Privada
Abandono	32,8	6,0	42,7	7,1
Aprovação	54,6	73,0	51,1	79,4
Reprovação	12,6	21,0	6,2	13,5
Total	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Microdados do Censo da Educação Básica de 2009.

Essas constatações sugerem dificuldades associadas à conclusão do ensino fundamental, que vão além da seletividade imposta pelas variáveis censitárias aqui cotejadas. Particularmente, conforme Sampaio (2009), o círculo vicioso da pobreza e exclusão dificulta o término do ensino fundamental por parte dos jovens em situação de distorção idade-série e matriculados em escolas públicas, aos quais podem restar oportunidades educacionais subalternizadas.

O fluxo para o ensino médio

O estudo longitudinal focou 2,3 milhões de discentes que foram aprovados no último ano do ensino fundamental em 2008 visando à análise de sua situação educacional no ano seguinte, segundo relações de associação com as mesmas variáveis censitárias. Na tabela 3, vemos que a ampla maioria dos alunos, mais de 1,9 milhão, matriculou-se no ensino médio em 2009, tendo a matrícula na escola regular representado quase todos os registros. Diversamente, aproximadamente 13% dos estudantes – 0,3 milhão – não prosseguiram os estudos. Já as matrículas na Educação de Jovens e Adultos (EJA) não atingiram sequer 1% dos discentes.

Tabela 3 – Situação Educacional em 2009 de Alunas e Alunos Aprovados no Ensino Fundamental em 2008

Fluxo para o ensino médio	Feminino		Masculino		Total geral
	#	%	#	%	
Não se matriculou no ensino médio	161.662	52,7	145.382	47,3	307.044
Matriculou-se no ensino médio regular	1.086.295	54,9	893.459	45,1	1.979.754
Matriculou-se no ensino médio – EJA	9.087	48,8	9.519	51,2	18.606
Total geral	1.257.044	54,5	1.048.360	45,5	2.305.404

Fonte: Microdados do Censo da Educação Básica de 2009.

Partindo desses dados, pela aplicação do teste do qui-quadrado, com significância de 0,05, verifica-se a existência de associação entre a matrícula no ensino médio regular em 2009 e o pertencimento ao sexo feminino e às faixas etárias de menores de 15 anos e de 15 a 17 anos. De fato, o Gráfico 1 mostra ligeira tendência favorável à promoção das moças. Enquanto 86,4% delas ingressaram no ensino médio regular, entre os rapazes a proporção atingiu 85,2%. Por outro lado, a evasão alcançou 13,9% dos homens e 12,9% das mulheres elegíveis para o ensino médio. Já a influência da faixa etária na movimentação escolar da coorte pareceu mais contundente, principalmente em relação à fuga da escola, de acordo com o Gráfico 2. Nele vemos que 38% dos maiores de 17 anos não se matricularam no ensino médio regular, indicador que não ultrapassou 11,7% entre os menores de 15 anos.

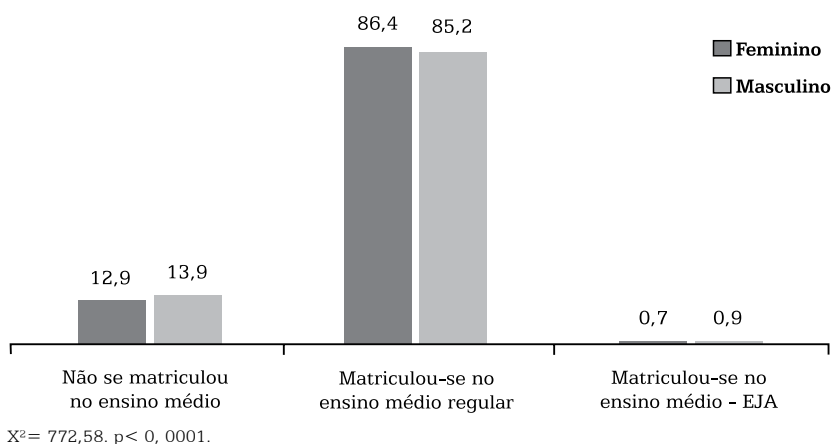


Gráfico 1 – Situação Educacional em 2009 de Alunos, segundo o Sexo (%)

Fonte: Microdados do Censo da Educação Básica de 2009.

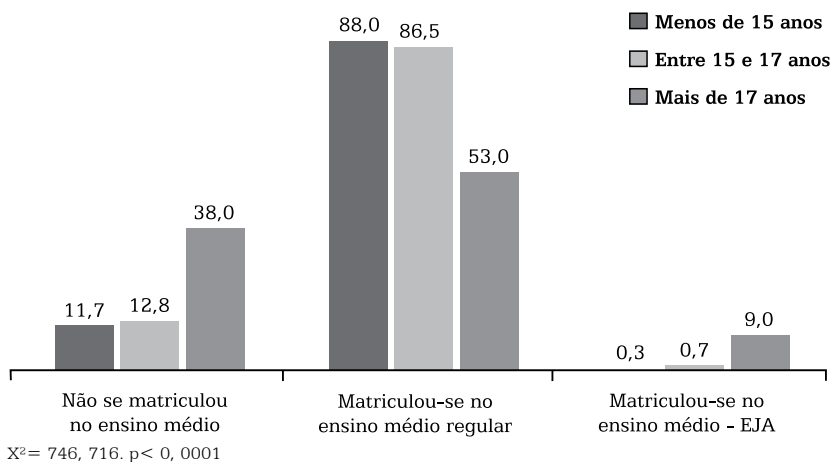


Gráfico 2 – Situação Educacional em 2009 de Alunos, segundo a Faixa Etária (%)

Fonte: Microdados do Censo da Educação Básica de 2009.

Os dados ilustram, portanto, a influência do sexo e da idade no fluxo da coorte para o ensino médio. Particularmente, conhecidos candidatos ao fracasso escolar, os alunos fora da idade própria para o ensino médio foram os mais propensos à evasão, chamando a atenção para possíveis efeitos de episódios anteriores de fracasso escolar, que, quando sucessivos, podem levar ao afastamento por abandono (Gomes, 2010). Quanto à EJA, os resultados sugerem apenas indícios de problemas, já que um estudo referenciado apontou uma idade média de 43 anos entre estudantes da modalidade (Moreira Neto; São Paulo; Paixão, 2008).

No tocante ao tipo de escola frequentada e às regiões do País, o teste do qui-quadrado, com significância de 0,05, revelou associação entre a evasão escolar e a matrícula em escolas públicas e a residência no Norte ou Nordeste. Pelos Gráficos 3 e 4, podemos inspecionar essa associação. O primeiro aponta que 13,6% dos discentes de estabelecimentos oficiais não se matricularam no ensino médio, contra 11,3% de alunos de escolas privadas enquadrados no mesmo indicador. O segundo revela diferenças mais significativas: se a fuga da escola atingiu 18,7% dos discentes do Norte e Nordeste, no Sul e Sudeste a proporção foi de apenas 10,3%.

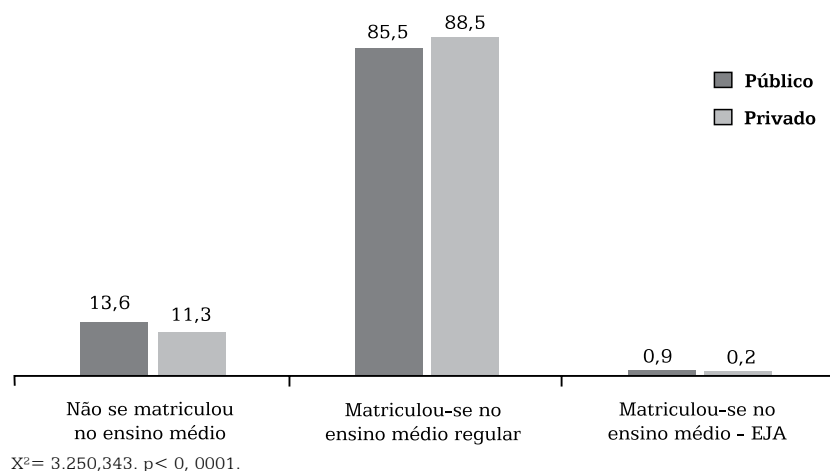


Gráfico 3 – Situação Educacional em 2009 de Alunos, segundo a Dependência Administrativa (%)

Fonte: Microdados do Censo da Educação Básica de 2009.

Essa seletividade educacional tem sido amplamente discutida em estudos teóricos e empíricos, que não se limitam a ligá-la ao desfavorecimento socioeconômico dos alunos de escolas públicas e do Norte e Nordeste. Pinto, Garcia e Letichevsky (2006), por exemplo, mostraram que professores de escolas públicas de regiões periféricas são descritos como faltosos e desmotivados em razão dos baixos salários, de longas jornadas de trabalho e da estrutura e clima das escolas, onde ocorrem violência e desordem.

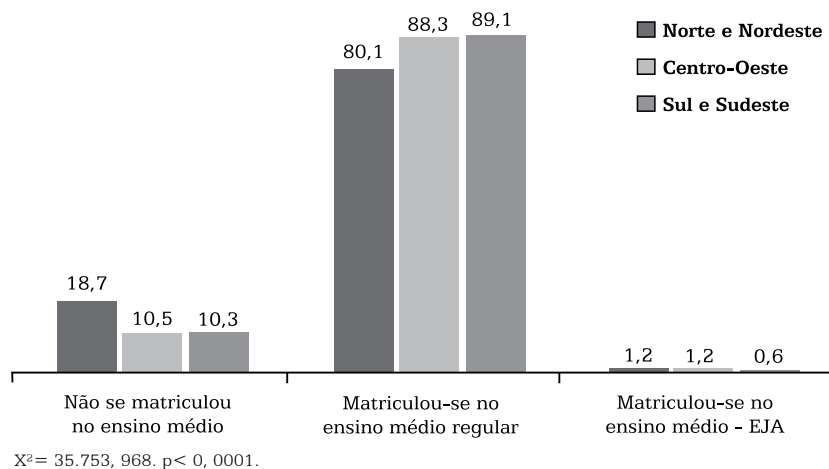


Gráfico 4 – Situação Educacional em 2009 de Alunos, segundo a Região do País (%)

Fonte: Microdados do Censo da Educação Básica de 2009.

Tornando o estudo mais fino, foi realizada uma análise envolvendo três variáveis, isto é, análise da influência do pertencimento simultâneo a duas das variáveis cotejadas na situação educacional da coorte em 2009. Na primeira tabulação, a tabela 4 ilustra que a fuga da escola alcançou sua maior proporção – 14,2% – entre os rapazes de escolas públicas, sendo eles, também, os mais suscetíveis à opção pela EJA – 1% deles ingressou no ensino médio por meio da modalidade. Já entre as moças de escolas privadas foi verificada, de um lado, a maior proporção de promoção para o ensino médio – 89,2% – e, de outro, o mais irrisório percentual de matrícula na EJA – 0,1%.

Tabela 4 – Situação Educacional em 2009, segundo o Sexo e a Dependência Administrativa (%)

Situação educacional em 2009	Feminino		Masculino	
	Pública	Privada	Pública	Privada
Não se matriculou no ensino médio	13,2	10,7	14,2	11,9
Matriculou-se no ensino médio regular	86,0	89,2	84,8	87,9
Matriculou-se no ensino médio – EJA	0,8	0,1	1,0	0,2
Total	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Microdados do Censo da Educação Básica de 2009.

Logo, houve tendência favorável à promoção de estudantes de escolas privadas, sobretudo das mulheres. Em contraste, os rapazes de

escolas públicas tiveram os piores indicadores de fluxo escolar, ratificando pesquisas que apontaram a preocupante situação educacional desses discentes, para a qual outros fatores concorrem (Alves; Ortigão; Franco, 2007, Corti *et al.*, 2011).

Um desses fatores, a distorção idade-série, identificada pela faixa etária dos alunos, influenciou a movimentação escolar de moças e rapazes, conforme a tabela 5. Nele observamos que, à medida que a idade aumentou, diminuiu a proporção de promovidos, crescendo a de evadidos. Nas faixas etárias, enquanto entre os menores de 15 anos 11,1% das meninas e 12,6% dos meninos não se matricularam no ensino médio, entre os maiores de 17 anos a fuga da escola alcançou 38,2% das moças e 37,8% dos rapazes.

Tabela 5 – Situação Educacional em 2009, segundo o Sexo e a Faixa Etária (%)

Situação educacional em 2009	Feminino Menos de 15 anos	Masculino Menos de 15 anos
Não se matriculou no ensino médio	11,1	12,6
Matriculou-se no ensino médio regular	88,7	87,1
Matriculou-se no ensino médio – EJA	0,2	0,3
Total	100,0	100,0
Situação educacional em 2009	Feminino Entre 15 e 17 anos	Masculino Entre 15 e 17 anos
Não se matriculou no ensino médio	12,6	13,0
Matriculou-se no ensino médio regular	86,8	86,2
Matriculou-se no ensino médio – EJA	0,6	0,8
Total	100,0	100,0
Situação educacional em 2009	Feminino Mais de 17 anos	Masculino Mais de 17 anos
Não se matriculou no ensino médio	38,2	37,8
Matriculou-se no ensino médio regular	52,6	53,4
Matriculou-se no ensino médio – EJA	9,2	8,8
Total	100,0	100,0

Fonte: Microdados do Censo da Educação Básica de 2009.

Não por acaso, quando controlada a variável 'idade', as tabelas 6 e 7 apontam que o não ingresso no ensino médio correspondeu às faixas etárias mais elevadas, independentemente do tipo de escola ou da região cotejada. Assim, pela tabela 6, entre os menores de 15 anos mais de 87% de alunos de escolas públicas e privadas foram promovidos para o ensino médio. Considerados os discentes de 15 a 17 anos, também foi elevada a promoção escolar nas duas dependências administrativas. Na faixa

etária mais elevada, de maiores de 17 anos, a maior proporção de fuga da escola – 49,2% – foi observada entre os alunos de escolas privadas.

Tabela 6 – Situação Educacional em 2009, segundo a Idade e a Dependência Administrativa (%)

	Menos de 15 anos (%)		Entre 15 e 17 anos (%)		Mais de 17 anos (%)	
	Pública	Privada	Pública	Privada	Pública	Privada
Não se matriculou no ensino médio	11,9	10,7	12,9	11,9	37,8	49,2
Matriculou-se no ensino médio regular	87,8	89,2	86,4	87,8	53,2	43,0
Matriculou-se no ensino médio – EJA	0,3	0,1	0,7	0,3	9,0	7,8
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Microdados do Censo da Educação Básica de 2009.

Também em todas as regiões, os indicadores desfavoráveis ao sucesso escolar estavam associados ao aumento da faixa etária, denunciando a influência da distorção idade-série, como vemos na tabela 7. Particularmente, a matrícula no ensino médio regular foi a situação educacional em 2009 de 91,7% dos menores de 15 anos residentes no Sul ou Sudeste. Por outro lado, nos três grupos regionais, os maiores de 17 anos estavam super-representados na EJA, matrícula que, além do alcance da idade legal, pode ser atribuída à condição de educação de segunda oportunidade associada à modalidade, usualmente procurada por aqueles que há anos abandonaram os bancos escolares e ofertada sob condições estruturais precárias (Gomes; Carnielli, 2003, Di Pierro, 2008).

Tabela 7 – Situação Educacional em 2009 de Estudantes, por Regiões e Faixas Etárias

	Menos de 15 anos			Entre 15 e 17 anos			Maiores de 17 anos		
	Norte e Nordeste (%)	Centro-Oeste (%)	Sul e Sudeste (%)	Norte e Nordeste (%)	Centro-Oeste (%)	Sul e Sudeste (%)	Norte e Nordeste (%)	Centro-Oeste (%)	Sul e Sudeste (%)
Não se matriculou no ensino médio	19,5	7,7	8,2	15,3	10,7	11,3	37,5	34,8	38,0
Matriculou-se no ensino médio regular	79,8	9,2	91,7	83,9	88,1	88,1	54,6	55,0	53,0
Matriculou-se no ensino médio – EJA	0,7	0,1	0,1	0,8	1,2	0,5	7,9	10,2	9,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Microdados do Censo da Educação Básica de 2009.

No maior nível de desagregação considerado, a tabela 8 apresenta a situação educacional da coorte em 2009, segundo o enquadramento

simultâneo em três variáveis independentes, o sexo, a faixa etária e a dependência administrativa. Verifica-se que a evasão não foi maior que 13% entre os menores de 17 anos, independentemente do sexo e do tipo de escola frequentada. Apesar disso, na faixa etária, as maiores proporções da fuga da escola foram observadas entre os rapazes de escolas públicas, ainda que discretamente – 12,9% dos menores de 15 anos e 13% dos que tinham entre 15 e 17 anos não ingressaram no ensino médio. Como sugeriram as tabulações anteriores, nessas faixas a promoção para o ensino médio atingiu seu pico, alcançando 89,8% das meninas menores de 15 anos de escolas privadas.

Tabela 8 – Situação Educacional em 2009, segundo o Sexo, a Faixa Etária e a Dependência Administrativa (%)

Situação educacional em 2009	Feminino Menos de 15 anos		Masculino Menos de 15 anos	
	Pública	Privada	Pública	Privada
Não se matriculou no ensino médio	11,2	10,1	12,9	11,3
Matriculou-se no ensino médio regular	88,5	89,8	86,8	88,5
Matriculou-se no ensino médio – EJA	0,3	0,1	0,3	0,2
Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Situação educacional em 2009	Feminino Entre 15 e 17 anos		Masculino Entre 15 e 17 anos	
	Pública	Privada	Pública	Privada
Não se matriculou no ensino médio	12,8	11,2	13,0	12,5
Matriculou-se no ensino médio regular	86,6	88,5	86,0	87,0
Matriculou-se no ensino médio – EJA	0,6	0,3	1,0	0,4
Total	100,0	100,0	100,0	100,0
Situação educacional em 2009	Feminino Mais de 17 anos		Masculino Mais de 17 anos	
	Pública	Privada	Pública	Privada
Não se matriculou no ensino médio	38,0	49,6	37,6	48,9
Matriculou-se no ensino médio regular	52,8	41,1	53,5	44,7
Matriculou-se no ensino médio – EJA	9,2	9,3	8,9	6,3
Total	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Microdados do Censo da Educação Básica de 2009.

A matrícula na EJA, por sua vez, foi maior entre os alunos com mais de 17 anos, independentemente do tipo de escola frequentada, pois, respectivamente, 9,2% e 9,3% de mulheres de escolas públicas e privadas ingressaram no ensino médio pela modalidade. Possivelmente, essas

constatações decorram de fatos debatidos na literatura: o “público típico” da EJA é formado por adultos em busca de oportunidades educacionais que lhes foram negadas pelo tempo; com efeito, é ampla a escolha desses jovens pela escola noturna, podendo os maus resultados ser atribuídos à precariedade dessa oferta educacional (Sousa; Oliveira, 2008). Além disso, como relatou Di Pierro (2008), o pertencimento ao sexo feminino pode guardar relação com a maior procura das moças pela EJA, fenômeno recentemente observado não apenas no Brasil, mas na América Latina e no Caribe, de modo geral.

Como a não promoção da coorte pode ser atribuída também à reprovação ou ao abandono dos estudos em 2008, o confronto com a tabela 2 traz mais indícios a investigar. Notamos que 48,9% dos rapazes maiores de 17 anos e de escolas públicas não ultrapassaram as barreiras do ensino fundamental, notadamente por terem abandonado a escola antes do encerramento do ano letivo. Fuga da escola que, pelo mesmo quadro, foi incipiente entre os menores de 17 anos de ambos os sexos matriculados em escolas privadas, o que pode ser atribuído, em certa medida, a estratégias preventivas do fracasso escolar em estabelecimentos particulares de prestígio, onde a reprovação não é sequer admitida por pais, alunos e professores (Brandão; Mandelert; Paula, 2005). Por isso mesmo, entre os elegíveis para o ensino médio em 2009, observou-se a super-representação de alunos de escolas privadas, tendo a não aprovação crescido quando cotejados alunos mais velhos de escolas públicas, marcadamente os rapazes, no afastamento por abandono, e as moças, na reprovação.

Portanto, para que mais de 0,5 milhão de alunos não vencessem as barreiras do ensino fundamental em 2008, pesaram o sexo, a idade e o tipo de escola de todas as regiões do País, com os piores resultados observados nos grupos historicamente vulneráveis, segundo a literatura (Soares, 2005): os estudantes do sexo masculino de escolas públicas e em situação de distorção idade-série. Vale mencionar as altas proporções de reprovação entre os alunos com idades entre 15 e 17 anos, já que, por terem idade própria para o ensino médio, sua situação educacional tem demandado a atenção do poder público (Corti et al., 2011).

Ultrapassado o primeiro filtro, 86,6% dos egressos ingressaram no ensino médio no ano seguinte, tendo a faixa etária dos alunos, reflexo de seus fracassos e sucessos no ensino fundamental, ocupado papel decisivo nos rumos educacionais daí trilhados. Assim, além do impacto das variáveis censitárias para o fluxo escolar, o estudo chama a atenção para um gargalo anterior, o do ensino fundamental (Sampaio, 2009), cuja conclusão permanece um desafio, destacadamente para os discentes do sexo masculino matriculados em escolas públicas, onde a distorção idade-série, na contramão da pretendida democratização educacional, ainda é frequente.

Considerações finais

Recentemente alcançada, a relativa universalização do ensino fundamental não afastou problemas que ainda pairam sobre esse nível de ensino, a exemplo das altas proporções de reprovação nos anos finais, denunciada pela análise de dados transversais (Lima, 2011). Com efeito, a conclusão do ensino fundamental permanece tarefa difícil, notadamente para jovens socioeconomicamente desfavorecidos. Não por acaso, quando chega ao último ano do ensino fundamental, o “aluno típico” de escolas públicas de regiões periféricas possui faixa etária defasada, fazendo dos discentes de 15 a 17 nessa situação indivíduos com elevada vulnerabilidade educacional (Sampaio, 2009, Corti *et. al.*, 2011).

De fato, aqui, a elevada faixa etária, que reflete a distorção idade-série, mostrou-se associada ao fracasso escolar dos alunos longitudinalmente acompanhados, quer pela não aprovação no ensino fundamental, quer pela evasão do ensino médio. Constatou-se que os alunos menores de 15 anos estavam super-representados entre os promovidos para o ensino médio, tendo sido incipiente entre eles o afastamento por abandono e a evasão. Em contraste, à medida que a análise privilegiou os alunos mais velhos, observou-se a subrepresentação deles entre os que ingressaram no ensino médio em 2009, sobretudo quando, aos efeitos da idade, se acrescentaram os do pertencimento ao sexo masculino e da matrícula em escola pública, independentemente da região do País.

Quanto às vantagens escolares femininas, antes de imaginarmos um caminho aberto à igualdade de direitos, cabe mencionar que, segundo pesquisa recente, as mulheres jovens não conseguem traduzir tais vantagens em conquistas ocupacionais: elas apresentam expressivas desvantagens na participação no mercado de trabalho e no emprego, predominam na população que não estuda nem trabalha e apresentam taxa de desemprego perto do dobro dos rapazes (Guarcello; Kovrova; Lyon, 2012).

Portanto, na pesquisa, os rapazes mais velhos de escolas públicas foram os mais propensos ao não ingresso no ensino médio em 2009. Para além da “frieza” dos números, a literatura resenhada apontou indícios ao debate, agora à guisa de conclusão. Possivelmente, parte da variância dos resultados seja atribuída a usuais contribuições para o sucesso escolar de matizes das variáveis que cotejamos: comportamentos tipicamente femininos, como organização e paciência (Carvalho, 2009); estratégias preventivas do fracasso escolar observadas em escolas privadas, como amplo apoio familiar e práticas intraescolares eficazes (Brandão; Mandelert; Paula, 2005, Brandão, 2007), que no limite podem afastar a ocorrência da distorção idade-série.

Tratando-se do ingresso – e da permanência – no ensino médio, as discussões não se esgotam por aqui. Caso contrário, como explicar a crescente quantidade de jovens que, mesmo submetidos a condições favoráveis ao sucesso escolar, abandonam a escola média (Neri *et al.*, 2009)? Por que, na contramão da disponibilidade de vagas no ensino

médio, acentua-se o número de jovens que não estudam (Gomes *et al.*, 2011)? Na geração de jovens que não estudam nem trabalham, reconhecer, entre outras questões, a baixa atratividade do ensino médio e o papel apenas relativo do trabalho precoce nos episódios de fuga da escola parece fundamental. Por isso, nossa contribuição, que apontou a seletividade socioeconômica e cultural na transição para o ensino médio, é apenas inicial.

Referências bibliográficas

AGUIAR, Fernando Henrique Rezende; CONCEIÇÃO, Maria Inês Gandolfo. Expectativas de futuro e escolha vocacional em estudantes na transição para o ensino médio. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 105-115, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902009000200011&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 12 fev. 2012.

ALVES, Fátima; ORTIGÃO, Isabel; FRANCO, Creso. Origem social e risco de repetência: interação raça-capital econômico. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 37, n. 130, p.161-180, jan./abr. 2007.

ANDRADE, Cibele Yahn de; DACHS, J. Norberto W. Acesso à educação por faixas etárias segundo renda e raça/cor. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 37, n. 131, p. 399-422, maio/ago. 2007.

ARTES, Amélia Cristina Abreu; CARVALHO, Marília Pinto de. O trabalho como fator determinante da defasagem escolar dos meninos no Brasil: mito ou realidade? *Cadernos Pagu*, São Paulo, n. 34, p. 41-47, 2010.

BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 17, n. 2, 2011. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/21485/19404>> Acesso em: 9 abr. 2012.

BRANDÃO, Zaia. A produção das elites escolares: escolas, famílias e cultura. *Caderno CRH*, Salvador, v. 20, n. 49, p. 15-22, jan./abr. 2007.

BRANDÃO, Zaia. Fluxos escolares e efeitos agregados pelas escolas. *Em Aberto*, Brasília, v. 17, n. 71, p. 41-48, jan. 2000.

BRANDÃO, Zaia; CARVALHO, Cynthia Paes de. Processos de produção das elites escolares. *Educação & Sociedade*. Campinas, v. 32, n. 115, p. 507-522, 2011.

BRANDÃO, Zaia; MANDELERT, Diana; PAULA, Lucília de.

A circularidade virtuosa: investigação sobre duas escolas no Rio de Janeiro. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 35, n. 126, p. 747-758, 2005.

BRITO, Rosemeire dos Santos. Intrincada trama de masculinidades e feminilidades: fracasso escolar dos meninos. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 127, p. 129-149, 2006.

CARVALHO, Cynthia Paes de. Contextos institucionais e escolarização: uma hipótese de classificação das escolas da rede privada de educação básica. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro v. 11, n. 31, 2006.

CARVALHO, Marília Pinto de. Mau aluno, boa aluna? Como as professoras avaliam meninos e meninas. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 554-574, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8640.pdf>>. Acesso em: 14 ago. 2011.

CARVALHO, Marília Pinto de. Quem são os meninos que fracassam na escola? *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 32, n. 121, p. 11-40, 2004.

CARVALHO, Marília Pinto de. *Avaliação escolar, gênero e raça*. Campinas: Papyrus, 2009.

CASTRO, Cláudio de Moura. O ensino médio: órfão de idéias, herdeiro de equívocos. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 58, p. 113-124, 2008.

CASTRO, Jorge Abrahão de. Evolução e desigualdade na educação brasileira. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 30, n. 108, p. 673-697, 2009.

CORBUCCI, Paulo Roberto. Dimensões estratégicas e limites do papel da educação para o desenvolvimento brasileiro. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 48, 2011.

CORTI, Ana Paula et al. *Jovens de 15 a 17 anos no ensino fundamental: caderno de reflexões*. Brasília: MEC, 2011.

COSTA, Marcio da. Prestígio e hierarquia escolar: estudo de caso sobre diferenças entre escolas em uma rede municipal. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 39, p. 455-469, 2008.

DI PIERRO, Maria Clara. Educação de jovens e adultos na América Latina e Caribe: trajetória recente. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 38, n. 134, p. 367-391, 2008.

EARP, Maria de Lourdes Sá. A cultura da repetência em escolas cariocas. *Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 65, p. 613-632, 2009.

FELOUZIS, Georges; PERROTON, Joëlle. Les "marchés scolaires": une analyse em termes d'économie de la qualité. *Revue Française de Sociologie*, Paris, v. 48, n. 4, p. 693-722, 2007.

FERRETTI, Celso J.; ZIBAS, Dagmar M. L.; TARTUCE, Gisela L. B. Protagonismo juvenil na literatura especializada e na reforma do ensino médio. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 34, n. 122, p. 411-423, 2004.

GENTILI, Pablo. O direito à educação e as dinâmicas de exclusão na América Latina. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 30, n. 109, p. 1059-1079, 2009.

GLÓRIA, Dília Maria Andrade. "A escola dos que passam sem saber": a prática da não-retenção escolar na narrativa de alunos e familiares. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 22, p. 61-76, 2003.

GOMES, Cândido Alberto da Costa. *A educação em novas perspectivas sociológicas*. 4. ed. São Paulo: EPU, 2005.

GOMES, Cândido Alberto da Costa. Ensino médio obrigatório: que impactos? *Estudos em Avaliação Educacional*, São Paulo, v. 21, n. 46, p. 319-340, 2010.

GOMES, Cândido Alberto da Costa; CARNIELLI, Beatrice. Expansão do ensino médio: temores sobre a educação de jovens e adultos. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 119, p. 47-69, 2003.

GOMES, Cândido Alberto da Costa et al. Ensino médio: decifra-me ou te devoro. *Boletim Técnico do Senac*, Rio de Janeiro, v. 37, n. 1, p. 49-59, 2011.

GONÇALVES, Flávio de Oliveira; FRANÇA, Marco Túlio Aniceto. Transmissão intergeracional de desigualdade e qualidade educacional: avaliando o sistema educacional brasileiro a partir do SAEB 2003. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 61, p. 639-662, 2008.

GONÇALVES, Lia Rodrigues; PASSOS, Sara Rozinda Martins Moura Sá dos; PASSOS, Álvaro Mariano dos. Novos rumos para o ensino médio noturno: como e por quê? *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 48, p. 345-360, 2005.

GUARCELLO, L.; KOVROVA, I.; LYON, S. *Youth disadvantage in the labour market: empirical evidence from nine developing countries*. Background paper prepared for the Education for all Global Monitoring Report 2012: Youth and skills: Putting education to work. Roma: Understanding Children's Work (UCW) Programme, 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: síntese de indicadores*, 2009. Rio de Janeiro, 2010.

JACOMINI, Márcia Aparecida. Por que a maioria dos pais e alunos defende a reprovação? *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 40, n. 141, p. 895-919, 2010.

JÚLIO, Josimeire M.; VAZ, Arnaldo M. Representações de masculinidades latentes em aulas de física no ensino médio. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 43, p. 505-520, 2009.

KRAWCZYK, Nora. A escola média: um espaço sem consenso. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 120, p. 169-202, 2003.

LAPO, Flavines Rebolo; BUENO, Belmira Oliveira. Professores, desencanto com a profissão e abandono do magistério. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 118, p. 65-88, 2003.

LEÃO, Geraldo; DAYRELL, Juarez Tarcísio; REIS, Juliana Batista dos. Juventude, projetos de vida e ensino médio. *Educação & Sociedade*, Campinas v. 32, n. 117, p. 1067-1084, 2011.

LIMA, Leonardo Claver Amorim. Da universalização do ensino fundamental ao desafio de democratizar o ensino médio em 2016: o que evidenciam as estatísticas? *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 92, n. 231, p. 268-284, maio/ago. 2011.

LYNCH, Kathleen; FEELEY, Maggie. *Gender and education (and employment): gendered imperatives and their implications for women and men — lessons from research for policy makers*. An independent report submitted to the European Commission by the Network of Experts in Social Sciences of Education and Training (NESSE). Bruxelas: European Commission, 2009. Disponível em: <<http://www.nesse.fr/nesse/activities/reports/gender-report-pdf>>. Acesso em: 14 jun. 2011.

MARGUERITE, Hélène. *Genre et éducation. Dossier d'actualité de la Veille Scientifique et Technologique*, Lyon, n. 37, set. 2008. Disponível em: <http://doc-aea.aide-et-action.org/pub_cgi/document_sho.pl?document_id=3435&lang=fr>. Acesso em: 14 jun. 2011.

MAZZOTTI, Alda Judith. O "aluno da escola pública": o que dizem as professoras. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 87, n. 217, p.349-359, set./dez. 2006.

MOREIRA NETO, Gonçalves; SÃO PAULO, Eduardo de; PAIXÃO, Luiz Alexandre Rodrigues da. *Construção de modelos de regressão hierárquicos: uma experiência de avaliação na educação de jovens e adultos*. Brasília: Inep, 2008. (Textos para discussão, n. 31). Disponível em: <http://www.publicacoes.inep.gov.br/arquivos/%7B42DE23CA-C902-4AA2-8140-F0258F79F47A%7D_TEXTODISCUSSAO31.pdf>. Acesso em: 14 set. 2011.

NERI, Marcelo et al. *O tempo de permanência na escola e as motivações dos sem-escola*. Rio de Janeiro: FGV/IBRE, CPS, 2009. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cps/tpemotivos/>>. Acesso em: 2 fev. 2012.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. O ensino médio diante da obrigatoriedade ampliada: que lições podemos tirar de experiências observadas? *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 91, n. 228, p. 269-290, maio/ago. 2010.

PEREIRA, Fábio Hoffman; CARVALHO, Marília Pinto de. Meninos e meninas num projeto de recuperação paralela. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 90, n. 226, p. 673-694, set./dez. 2009.

PINTO, Fátima Cunha Ferreira; GARCIA, Vanessa Coelho; LETICHEVSKY, Ana Carolina. Pesquisa Nacional Qualidade na Educação: a escola pública na opinião dos pais. Ensaio: *Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 53, p. 527-542, 2006.

QUENZEL, Gudrun; HURRELMANN, Klaus. Geschlecht und Schulerfolg: Ein soziales Stratifikationsmuster kehrt sich um. *KZfSS - Kölner Zeitschrift für Soziologie und Sozialpsychologie*, v. 62, n. 1, p. 61-91, 2010. DOI: 10.1007/s11577-010-0091-4.

REIS, Ana Paula Poças Zambelli dos; GOMES, Cândido Alberto. Práticas pedagógicas reprodutoras de desigualdade: a subrepresentação de meninas entre alunos superdotados. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 503-519, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2011000200013&script=sci_arttext>. Acesso em: 5 abr. 2012.

RESENDE, Tânia de Freitas; NOGUEIRA, Cláudio Marques M.; NOGUEIRA, Maria Alice. Escolha do estabelecimento de ensino e perfis familiares: uma faceta a mais das desigualdades escolares. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 32, n. 117, p.953-970, 2011.

ROSA, Waldemir. Sexo e cor: categorias de controle social e reprodução das desigualdades socioeconômicas no Brasil. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 17, n. 3, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2009000300017&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 9 abr. 2012.

SAMPAIO, Carlos Eduardo Moreno. *Situação educacional dos jovens brasileiros na faixa etária de 15 a 17 anos*. Brasília: Inep, 2009.

SILVA, Cármen Duarte da et al. Meninas bem-comportadas, boas alunas; meninos inteligentes, indisciplinados. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 107, p. 207-225, 1999.

SOARES, José Francisco. Qualidade e equidade na educação básica brasileira: fatos e possibilidades. In: BROCK, C.; SCHWARTZMAN, S. (Org.). *Os desafios da educação no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005. p. 87-113.

SOARES, José Francisco; ANDRADE, Renato Júdice de. Nível socioeconômico, qualidade e equidade das escolas de Belo Horizonte. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 107-126, 2006.

SOUSA, Sandra Zákia; OLIVEIRA, Romualdo Portela de. Ensino médio noturno: democratização e diversidade. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 30, p. 53-72, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602008000100005>. Acesso em: 23 jul. 2011.

SOUZA, André Portela; PONCZEK, Vladimir; ROCHA, Bruno Oliva. Os determinantes do fluxo escolar entre o ensino fundamental e o ensino médio. São Paulo: FGV-EESP, 2011. Disponível em: <<http://www.anpec.org.br/encontro2010/inscricao/arquivos/000-2f3802af514402feb59e671050a43e22.pdf>>. Acesso em: 29 maio 2012.

SOUZA, Raquel. Rapazes negros e socialização de gênero: sentidos e significados de "ser homem". *Cadernos Pagu*, São Paulo, n. 34, 2010.

SPARTA, Mônica; GOMES, Willian B. Importância atribuída ao ingresso na educação superior por alunos do ensino médio. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 45-53, 2005. Disponível em: <<http://www6.ufrgs.br/museupsi/lafec/16.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2012.

ZIBAS, Dagmar M. L. A reforma do ensino médio nos anos de 1990: o parto da montanha e as novas perspectivas. *Revista Brasileira de*

Educação, Rio de Janeiro, n. 38, p. 24-36, 2005. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n28/a03n28.pdf>>. Acesso em: 3 mar.
2012.

Leonardo Claver Amorim Lima, mestre em Educação pela Universidade Católica de Brasília (UCB), é especialista em Financiamento e Execução de Programas e Projetos Educacionais do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), Brasília, DF, Brasil.

leonardoclaver@gmail.com

Candido Alberto Gomes, doutor em Educação (PhD) pela University of California, Los Angeles, é professor titular da Universidade Católica de Brasília (UCB), Brasília, DF, Brasil.

clgomes@terra.com.br

Recebido em 6 de dezembro de 2012.

Aprovado em 11 de abril de 2013.